

QUINTA-FEIRA / 14 NOVEMBRO / 2019 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**"A MAIOR POBREZA É A
SOLIDÃO, O ISOLAMENTO
E A INVISIBILIDADE"**

JOANA LOPES

CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRAGA

P. 04-05

ENTREVISTA

“FALTA PORMOS UM ROSTO NA POBREZA”

JOÃO PEDRO QUESADO (TEXTO E FOTOS)

EM ANTECIPAÇÃO DO TERCEIRO DIA MUNDIAL DOS POBRES, NESTE DOMINGO, O IGREJA VIVA ENTREVISTOU JOANA LOPES, DA CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRAGA, QUE EXPLICOU COMO A ACÇÃO DA INSTITUIÇÃO VAI PARA ALÉM DO MERO APOIO MATERIAL. A ORAÇÃO DE RUA, A COMPLETAR UM ANO, É UMA DAS FORMAS DA CÁRITAS DE DAR ROSTO À POBREZA.

[Igreja Viva] Neste Domingo a Igreja celebra o Dia Mundial dos Pobres. Qual é, actualmente, a situação da pobreza em Braga?

[Joana Lopes] Eu acho que a maior pobreza, neste momento, é a falta desta capacidade de olharmos para as pessoas que precisam de nós. Acho que pobres somos todos. A maior pobreza, neste momento, é a solidão, acima de tudo, e o isolamento. Aquelas pessoas que nos passam ao lado e que nós não somos capazes de reconhecer, que são invisíveis. E esta invisibilidade, esta ausência de rosto, para nós, é a maior pobreza, e é um bocadinho isso que, para além dos apoios que vamos dando, tentamos colmatar aqui na Cáritas: dar rosto, dar voz e dar lugar a estas pessoas que não têm lugar e que muitas vezes andam na rua de forma invisível. Depois, a nível monetário, sem dúvida que o maior factor neste momento são as rendas. As rendas têm aumentado imenso e, para teres um bocadinho a noção, uma pessoa isolada que recebe o Rendimento Social de Inserção – cerca de 180 euros por mês – tem grandes dificuldades porque neste momento é muito raro haver um quarto – sem falar em apartamentos – abai-

xo desse preço, o que impossibilita que a pessoa consiga arrendar um quarto e sustentar a sua alimentação e outro tipo de gastos que possa ter. Temos casos de quartos que ficam a 200, 250 ou até 300 euros, só o quarto, num apartamento partilhado, o que torna completamente insustentável a vida e o quotidiano normal de qualquer pessoa. Não falando só de alguém que receba o RSI, ou um salário mínimo, mas mesmo de pessoas que têm salários ditos normais mas que, se tiverem que alugar, por exemplo, um apartamento a 500 euros... Por exemplo, no caso de uma família monoparental, uma mãe que receba um salário de 800 euros e que tenha que pagar um T1 a 500 euros, que é mais ou menos o preço que se pratica neste momento... Não é preciso fazer grandes contas. Quinhentos euros acrescidos das despesas de água, luz, gás e do carro, se o tiver... Ao fim do mês não resta grande dinheiro. Depois também vamos sentindo muito isso em medicação. As pessoas que não estão a trabalhar têm muitas vezes problemas de saúde associados. Utilizando novamente a referência de alguém que recebe o RSI e que tenha até que pagar um quarto: recebe 180 euros,

aluga um quarto até relativamente barato, de 150 euros, sobram 30 euros. Se já nem dá para comer, então pessoas que têm gastos em medicação muitas vezes de 50 euros por mês, ou até que sejam os 30, ficam sem dinheiro para mais nada. Aquilo que tentamos fazer aqui é ir complementando, nunca dando apoios mensais para não causar dependência, mas tentando sempre capacitar. Ou seja, ir apoiando de maneira a que a pessoa consiga depois gerir-se de acordo com aquilo que vai tendo, sendo que sabemos que muitas vezes é muito difícil isso acontecer.

[Igreja Viva] O que é que faz falta fazer no combate à pobreza em Braga e no país? Tanto no lado do acompanhamento e da proximidade como do lado material...

[Joana Lopes] Voltando um pouco ao aspecto por onde te comecei a falar, falta pormos um rosto na pobreza. Falta não olharmos para a pobreza como uma coisa longínqua, mas como uma coisa que nos está próxima, nunca nos esquecendo também desta pobreza que muitas vezes é tão envergonhada, de pessoas que passam por nós e que nós não conseguimos identificar com a nossa ideia de pobreza. Eu disse inicialmente e volto a repetir: somos todos pobres. Enquanto nós não mudarmos isto do eles para nós, isto não vai mudar. Aquilo que vemos é que, mais do que necessidade económica, as pessoas têm necessidade de atenção. E necessidade de ter um lugar. São pessoas que têm a refeição aqui – ela é servida entre as 16h30 ou 16h45 até às 18h, mas elas estão aqui às 14h30, porque não têm outro

lugar e porque vêm aqui para estarem com outras pessoas que conhecem daqui. Aqui acabam por ter a família, os amigos que muitas vezes não têm. Acho que lhes falta este amor. Num destes dias, numa conversa com um irmão do La Salle – uma comunidade da qual faço parte – ele dizia-me que nós somos todos icebergues. Porque só damos a conhecer uma pontinha de nós e o resto, aquilo que nos é estrutural, está tudo debaixo de água, bem escondido e bem congelado. E a pensar e a rezar sobre isto pensava que realmente só conseguimos conhecer alguém com o amor que é tão característico de Deus, que nos derrete e que nos toca de uma maneira tão especial que faz com que nós, aos poucos, nos vamos mostrando, mostrando aquilo que realmente somos.

A experiência que tenho tido com os nossos utentes é que realmente sou muito mais parecida com eles – que somos todos muito mais parecidos com eles do que aquilo que realmente achamos. Porque aquilo que realmente nos une e que nos faz semelhantes são as nossas fragilidades. Nós alegramo-nos com coisas diferentes, não é? Com futebol, outros dão mais importância à família, outros gostam de moda, mas as nossas fragilidades, as nossas inseguranças, os nossos medos, são todos muito parecidos. Isso une-nos de uma maneira muito especial.

[Igreja Viva] E a nível material?

[Joana Lopes] A propósito do que é preciso fazer a nível material, nós só podemos ajudar na medida em que somos





Esta oração desta necessidade de ir ao encontro do outro. Porque é que têm sempre que ser os pobres a ir ao encontro da Igreja e não pode ser a Igreja a abrir-se a eles?

ajudados, porque tudo aquilo que nós fazemos é proveniente de donativos. Se nós podemos ter estes resultados e apoiar estas pessoas, é porque temos pessoas que nos dão estes donativos, também. Por esta altura temos a operação “10 Milhões de Estrelas – Um Gesto pela Paz”, em que 65% das verbas angariadas com a venda das Velas da Paz reverterão para o apoio nas despesas relacionadas com a saúde de quem é acompanhado na Cáritas Arquidiocesana de Braga. Os restantes 35% serão aplicados na iniciativa “Cáritas ajuda Moçambique”, nomeadamente através do apoio às vítimas das cheias e do Ciclone Idai. Aqui, mais importante que o dinheiro, é que ao comprar a vela e ao acendê-la na noite de Natal, estamos a unir-nos a todas as pessoas e famílias que também o fazem e acima de tudo aos valores da paz, da solidariedade e da reconciliação. Mas agora, por exemplo, estamos num momento muito complicado a nível de géneros alimentares. Isto porque nós temos uma afluência muito grande na altura do Natal, e graças a Deus que temos, recebemos donativos de escolas, de pessoas individuais que nos trazem coisas cá, de paróquias, mas as coisas vão acabando. E, neste momento, quem vier aqui buscar comida já não leva a mesma coisa que outra pessoa que veio na altura em que temos muita coisa. Não se trata de dar tudo quando temos quantidade – há quantidades definidas de acordo com o tamanho do agregado familiar –, mas quando as coisas começam a acabar, nós damos aquilo que temos. O que depois se torna muito complicado porque, se não temos atum ou não temos salsichas, não podemos dar. Para nós é muito importante, também, mostrar aquilo que fazemos, porque quando nós sabemos o real impacto do apoio que nós demos, ou da ajuda que nós demos, isso também nos toca de forma diferente.

[Igreja Viva] Está a fazer um ano que a Cáritas de Braga iniciou a oração de rua, sempre nas segundas quartas-feiras de cada mês. De onde partiu esta ideia?

[Joana Lopes] A ideia foi inspirada na oração com os sem-abrigo que acontece no Porto, todos os meses, na primeira Quarta-Feira de cada mês. O que acontece é que ao en-

trar aqui, todos os dias, vemos os nossos utentes aqui. E começamos a questionar o que é que lhes podemos dar mais. Que fome é esta que não se sacia só com esta refeição? E até que ponto estamos a cumprir o nosso papel na sua totalidade dando só esta refeição? O que é que podemos dar mais e, acima de tudo, o que é que Jesus faria? E então surgiu este ‘porque não?’. Há uma frase que repito muitas vezes que é ‘sem proposta não há resposta’. E às vezes nós queremos ter respostas mas não temos a proposta. E então pensamos ‘porque não?’. Lembro-me perfeitamente da primeira oração que fizemos. Nós divulgamos por todas as instituições, pelos nossos utentes, mas o objectivo não é ser para os nossos utentes, é ser para todos, para a comunidade em geral, mas não fazíamos a menor ideia de quem viria. E eu lembro-me de estarmos junto às escadas da Igreja de Santa Cruz e lembro-me de ver a primeira pessoa a chegar, de respirar fundo e de pensar que já tinha valido a pena. É muito bonito ver a maneira como a oração cresceu, como do nada, de uma insegurança e de um porque não nasce uma coisa tão bonita que... Tens de ver! É de Deus. É daqueles momentos, é daquelas coisas que te fazem sentar e perguntar como é que eu não hei-de acreditar em Deus. Com isto, como é que eu posso não acreditar? Ele dá-me tantas provas, Ele tem gestos tão concretos e está presente em tantas pessoas e tantas coisas que como é que é possível não acreditar? Esta oração surgiu desta necessidade de ir ao encontro do outro. Porque é que têm sempre que ser os pobres a ir ao encontro da Igreja e não pode ser a Igreja a abrir-se a eles? Alguns deles disseram-nos que, depois da morte de um familiar, achavam que nunca mais conseguiam voltar a uma igreja mas como a oração é na rua, conseguem ultrapassar essa barreira. Com uma coisa muito simples que não passa de um pequeno momento de reflexão, um gesto de partilha e um lanche final partilhado, com algum chá, umas bolachas, aquilo que formos conseguindo... E assim conseguimos fazer família. É para todos, não é só para os pobres ou para os sem-abrigo, é uma oração na rua para quem quiser estar. E só pode vir de

Deus. Não vem da Cáritas, vem de Deus. Muitas vezes não temos a possibilidade de estar com eles durante os dias de trabalho, eu passo a correr enquanto eles estão na sala de espera, passo para um lado e para o outro, mas não estou. Eles vêm a “Dra. Joana”, não vêm a Joana. E ali, na oração, estamos todos como somos.

[Igreja Viva] Iniciaram também um programa chamado +Próximo. Qual é o objectivo do programa?

[Joana Lopes] O +Próximo é uma programa de formação e capacitação de grupos sócio-caritativos nas paróquias. O que acontece é que nós temos consciência que, por exemplo, a Arquidiocese de Braga não é só a cidade de Braga. Temos a Póvoa de Varzim, Esposende, Celorico, e eu tenho noção que uma pessoa de Celorico não consegue vir à Cáritas pedir ajuda. Nem a Cáritas conseguiria ajudar toda a gente, ou teria capacidade para ajudar toda a gente que nós sabemos que precisa. Este programa foi criado e pensado para que, em cada paróquia, possa haver alguém que tenha este cuidado e esta atenção, para que a Cáritas possa ter olhos e ouvidos em todo o território nacional e para que existam pessoas – neste caso, os elementos destes grupos sócio-caritativos – que possam, dentro das suas possibilidades, irem estando atentos à necessidade do outro e também possam ir colmatando as necessidades de alguma maneira. Que, mais uma vez, podem não ser comida, roupa ou algum tipo de contas para pagar, mas pode ser, por exemplo, um idoso isolado que precise de companhia, ou que precise de apoio para ir ao hospital, ou à farmácia, ou algum tipo de coisas deste género. Cada paróquia é uma paróquia e cada necessidade é uma necessidade. O objectivo não é dar algo já feito para ser implementado e ver no que dá, é que as pessoas se possam interrogar e possam criar algo há medida da sua paróquia – o que temos noção que é difícil porque, normalmente, quem se compromete são sempre as mesmas pessoas. (...) Mas mais do que fazer para os pobres, é fazer com eles. Não há fórmulas nem pessoas iguais. Mesmo que nos fechem a porta, não podemos desistir e temos que continuar a lutar não pelo outro, nem só por nós, mas por todos.

